



Seu País

Dilma tenta revidar à marcha anacrônica

MANIFESTAÇÕES Ao reagir à campanha pelo *impeachment*, a presidenta não foge às receitas tradicionais

POR ANDRÉ BARROCAL

ABRUSCA queda de popularidade de Dilma Rousseff há algumas semanas, logo após o triunfo de um inimigo para comandar a Câmara dos Deputados, alvoroçou Brasília. Em reuniões com Lula e ministros-conselheiros, a presidenta esboçou uma batida receita para reagir. Sentar-se mais com parlamentares e empresários, dar entrevistas, correr o País, ir à tevê falar à população. O plano foi posto em prática com timidez, motivo da continuidade de sensação de um país sem rumo. O cenário talvez clareie no domingo 8, quando Dilma entrará em cadeia nacional a pretexto do Dia Internacional da Mulher. Ela marcará posição sobre a corrupção na Petrobras e defenderá a guinada ortodoxa na economia. Uma espécie de reação antecipada a manifestações que logo prometem inquietar um pouco mais o cenário político. De um lado, o início da campanha pelo *impeachment*. De outro, protestos de partidários dela a reclamar da atual política econômica.

Os atos pelo impedimento de Dilma estão marcados para o domingo 15 e têm sido convocados a partir das redes

sociais na internet e de mensagens de celular. Seus instigadores alegam um mal-estar geral com o País, simbolizado pela corrupção na Petrobras. Reduto antipe-tista, tucano e estado mais populoso, São Paulo tende a ser o campeão de protestos. É difícil ter uma noção exata da dimensão que alcançarão, mas nada indica a repetição da onda de junho de 2013. No Facebook, a principal página convocatória das manifestações, a *Impeachment Já!!*, com atos previstos em 19 estados, registrava 222 mil confirmações de

Os iminentes marchadores também não primam pela imaginação. O figurino é sempre o mesmo

presença até a quinta-feira 5. Segundo entendidos, nesse tipo de evento o comparecimento situa-se em torno de 5% dos que se declaram dispostos a ir.

Entre quem fomenta o movimento misturam-se velhos conhecidos dos internautas e alguns mais recentes. Das figurinhas repetidas, estão o blog Revoltados Online e a ONG Brazil No Corrupt, organizações de inspiração direitista simpatizantes da intervenção militar. Entre as entidades calouras, o Movimento Brasil Livre, trupe de jovens conservadores capaz de eleger um deputado estadual na eleição passada, o gaúcho Marcel van Hattem (PP), e o Vem pra Rua. Essa última nascida na eleição presidencial graças ao empresário paulista Rogério Cherquer, tucano declarado que desfilou em carro aberto com José Serra a pedir votos ao presidencial-vel Aécio Neves.

As manifestações pelo Fora Dilma são estimuladas e apoiadas pelo PSDB. Alguns tucanos graúdos pretendem ir às ruas, caso do senador Aloysio Nunes Ferreira (SP), vice na chapa de Aécio. Embora não seja tucano, o coordenador de campanha de Aécio, senador José

ILUSTRAÇÃO: ANA BEATRIZ PÁDUA. FOTOS: THIAGO CARVALHO/FOTORENA, ANDRÉ COELHO/AG. O GLOBO E DOMINGOS PEIXOTO/AG. O GLOBO





TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 30

Resenha. Em novo livro, Celso Amorim explica a política externa sem as distorções da mídia



Dilma já gravou seu discurso em meio à agitação contra e a favor

ANDRE COELHO/AG. O GLOBO E DOMINGOS PEIXOTO/AG. O GLOBO



Seu País

Agripino, do DEM, também tem planos de participar. Uma situação curiosa. As vozes do *impeachment* invocam razões éticas, e Agripino acaba de ser alvo de um pedido de investigação no Supremo Tribunal Federal por suspeita de receber propina de 1 milhão de reais no Rio Grande do Norte.

Apesar da disposição de associar-se ao Fora Dilma, o PSDB esforça-se para não deixar a impressão de puxar o movimento. Reunidos no Instituto FHC no fim de fevereiro, seus cardeais concordaram ser preciso fugir do rótulo de “golpista”. Não será muito fácil. Há indícios de que os tucanos estão envolvidos com a organização das manifestações. Izalci Lucas é deputado federal pelo PSDB de Brasília. Ex-presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do DF, tem usado a sede da entidade como um *bunker* para pedir a apoiadores de campanha que ajudem financeiramente o Fora Dilma.

Em seu namoro com a ideia de destituir Dilma do cargo, o PSDB já não discute o tema apenas ao sabor de elementos jurídicos, baseados no envolvimento da presidenta com falcatruas. “*Impeachment* também é saída para uma crise política”, afirma o líder tucano no Senado, Cássio Cunha Lima.

A tese é uma adaptação do “voto de desconfiança” capaz de derrubar gabinetes no parlamentarismo. Para Cunha Lima, o País vive hoje o “momento mais grave e complexo de sua história”. O governo, explica, perdeu capital político de forma acentuada e rápida, pois a população teria se sentido enganada por uma presidenta a tomar medidas que na eleição prometera não adotar, como o corte de direitos trabalhistas e o aumento da conta de luz. A relação do Planalto com o Congresso estaria inviabilizada, pela aparente tentativa de Dilma de distanciar-se dos peemedebistas presidentes do Senado, Renan Calheiros, e da Câmara, Eduardo Cunha, enrolados na



José Agripino não tem por que sorrir

Wagner Freitas e sua motivada decepção

São Paulo é naturalmente o epicentro do movimento. Aloysio Nunes Ferreira, expurgado em 64, marchará agora

Operação Lava Jato. A recessão econômica é uma certeza este ano e pode chegar a 2016, com efeitos políticos e sociais.

“Não há crise política. Existe uma derrota eleitoral dos neoliberais e conservadores, a crise é deles”, rebate o secretário-geral da Presidência, Miguel Rosseto (*leia a entrevista em www.cartacapital.com.br*). Para o ministro, é curioso que as marchas apelem a razões éticas e estejam programadas para um momento em que a Lava Jato dá um passo importante, com o pedido de inquéritos contra políticos. Ficaria a impressão de tratar-se só de

ILUSTRAÇÃO: MILENA BRANCO. FOTOS: ANTONIO CRUZEIRO/ABR E FÁBIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR



Rogério Cherquer lança o "Vem pra Rua" com a bênção de José Serra

representantes de MST, UNE, Mídia Ninja, Fora do Eixo e Levante Popular da Juventude, entre outros. Esperam-se atos em ao menos 15 capitais, sendo o maior deles na Avenida Paulista, em São Paulo. Entre os organizadores, há receio de que partidários anti-Dilma possam querer criar distúrbios, por isso a ordem é segurar os ânimos e não reagir a provocações.

Para o presidente da CUT, Vagner Freitas, a vitória de Dilma em outubro não garantiu a realização da agenda proposta por ela na campanha. Setores conservadores derrotados, como o mercado financeiro e o grande capital, diz, lutam para ditar os rumos do governo a partir do Congresso e dos meios de comunicação. É o que explicaria a opção do Planalto por ajuste fiscal a restringir o acesso a seguro-desemprego e a abono salarial. "A pressão popular pode ajudar o governo a implementar uma agenda de interesse dos trabalhadores", afirma Freitas. "O ajuste não pode ser só cortar, cortar e cortar. Tem de ser feito também com o aumento da taxaçaõ dos ricos e a reduçaõ da taxaçaõ dos assalariados."

Ampliar a taxaçaõ dos mais ricos é uma ideia já estudada no governo. O plano tem sido soprado pelo ministro do Planejamento, Nelson Barbosa, em conversas com petistas. No cardápio em exame está a criaçaõ de impostos sobre remessas de lucros de multinacionais ao exterior, grandes fortunas e distribuçaõ de dividendos a acionistas de empresas. E o aumento da tributaçaõ sobre a transmissãõ de heranças e do imposto de renda pago pelos estratos mais ricos.

Um dos pontos de partida dos estudos técnicos é a tese de mestrado

apresentada em 2014 por um funcionário da Receita Federal, o economista Fábio Ávila de Castro. Segundo ele, seria possível arrecadar 50 bilhões de reais por ano com a instituiçaõ de uma taxa de 15% sobre lucros e dividendos e de uma alíquota de 35% para o IR dos mais abastados. Isso abriria uma brecha para o governo reduzir a tributaçaõ dos mais pobres e reconfigurar o sistema tributário, internacionalmente reconhecido como injusto.

A proposta de taxar os mais ricos é citada entre petistas como uma bandeira que Dilma deveria abraçar. Em reuniãõ recente com o ex-presidente Lula, a bancada do PT no Senado ouviu, e concordou, que falta uma marca ao novo governo Dilma capaz de empolgar seus eleitores. Em face da sensaçãõ, causada pelas falhas de comunicaçaõ do Planalto, de que o ajuste fiscal vai contra o prometido na eleiçaõ. Uma sensaçãõ que Dilma tentará combater com um pronunciamento em cadeia de rádio e TV no domingo 8.

Embora as manifestaçaõs programadas pela CUT não tenham o objetivo de medir forças com o Fora Dilma, servirão como termômetro da disposiçaõ da base social da presidenta para defendê-la, na hipótese de a campanha do *impeachment* tomar corpo e ganhar o Congresso. De todo modo, o cenário não é lá muito animador. Um dos líderes das manifestaçaõs da derrubada de Collor em 1992, o senador petista Lindbergh Farias, ex-presidente da UNE, diz não existir qualquer prova de que Dilma tenha cometido ilícitos e encara os atos pró-*impeachment* como "terceiro turno". Conta, no entanto, haver uma grande preocupaçaõ com o rumo dos acontecimentos a partir da segunda-feira 16. Para ele, a política econômica desmotivadora do eleitorado de Dilma foi planejada para produzir resultados em quatro anos, mas o mandato presidencial corre risco hoje, em seu primeiro ano. "O clima é de guerra." •

uma tentativa de desestabilizar o governo. "Essas manifestaçaõs têm uma natureza claramente antidemocrática. São setores reacionários, golpistas."

Dois dias antes, na sexta-feira 13, haverá outras manifestaçaõs pelo País, mas com um propósito diverso. Lideradas pela Central Única dos Trabalhadores, várias entidades que apoiaram Dilma na eleiçaõ farãõ atos para criticar a política econômica, em especial a restriçaõ de direitos trabalhistas, mas também para defender a Petrobras, a reforma política e a democracia. Prometem comparecer

